

**FALARES AFRICANOS NO LÉXICO DO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO: ESTRATÉGIAS DE ENSINO  
PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA  
COMUNICATIVA E LEXICAL**

*Marco Túlio Santos Ledo* (UESB)

[marco.ledo@educacao.mg.gov.br](mailto:marco.ledo@educacao.mg.gov.br)

*Jorge Augusto Alves da Silva* (UESB)

[adavgvstvm@gmail.com](mailto:adavgvstvm@gmail.com)

**RESUMO**

O ensino da cultura africana e afro-brasileira é de extrema importância para entendermos a formação do léxico do português brasileiro e sua importância no meio sociocultural atual, visto que muitas crianças e até mesmo adultos não compreendem muitas palavras utilizadas na nossa linguagem brasileira que são de origem afro, oriundas de nações africanas que vieram escravizadas para o Brasil, como as nações Bantu (Angola e Congo) e nações Jeje, Nagô, entre outras, de onde veio a língua nagô-iorubá. O presente trabalho se originou do questionamento em campo com alunos acerca da origem da linguagem utilizada atualmente, e sobre a influência do africanismo na língua portuguesa europeia para a formação da língua portuguesa brasileira.

**Palavras-chave:**

Africanismo. Cultura. Linguagem.

**ABSTRACT**

The teaching of African and Afro-Brazilian culture is extremely important for us to understand the formation of the Brazilian Portuguese lexicon and its importance in the current socio-cultural environment, since many children and even adults do not understand many words used in our Brazilian language that they are of African origin, coming from African nations that came enslaved to Brazil, such as the Bantu nations (Angola and Congo) and the Jeje, Nagô nations, among others, where the Nagô-Yorubá language came from. The present work originated from the questioning in the field with students about the origin of the language currently used, and about the influence of Africanism in the European Portuguese language for the formation of the Brazilian Portuguese language.

**Keywords:**

Africanism. Culture. Language.

**1. Introdução**

A origem do léxico do português brasileiro é um questionamento de exímia importância para entendermos a nossa raiz e o contexto histórico e sociocultural no qual estamos inseridos. De onde vieram as pala-

bras que utilizamos para nos comunicar dentro da nossa sociedade? Quais seus reais significados? Quem trouxe e como trouxe? São questionamentos que devemos fazer para entender a constituição e a participação dos escravizados no processo de formação do português brasileiro.

Ao iniciar esses questionamentos devemos também fomentar tal conhecimento na educação e instigar ao ponto de desenvolver estratégias para que as nossas crianças e jovens entendam as origens em especial de palavras de origem africana e sua inserção na nossa linguagem, atendendo inclusive os preceitos trazidos pela Lei nº 10639/2003, que traz a obrigatoriedade das instituições de ensino na oferta de estudos sobre a cultura e história afro-brasileira. Assim, observamos que os africanismos tiveram forte atuação para a formação e constituição do português brasileiro, a partir de um processo de transmissão linguística irregular (Cf. LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009).

Durante este trabalho foram desenvolvidas estratégias educativas para o desenvolvimento da competência comunicativa e lexical do português brasileiro e suas palavras de origem africana, incluindo seus contextos históricos e significados. A metodologia consistiu em uma pesquisa-intervenção com a realização de Oficinas de Intervenção Pedagógica e uma abordagem mista de análise dos dados. De tal forma o presente trabalho reforça a importância de se levar para o ambiente da sala de aula o ensino da cultura afro-brasileira como elemento essencial para a compreensão da formação sociocultural brasileira, incluindo seus aspectos históricos, linguísticos, religiosos e humanos.

## **2. Falares africanos no léxico do português brasileiro**

A língua materna brasileira sofreu um processo de constituição que envolveram diferentes grupos étnicos, entre eles os falares dos indígenas e também dos africanos entre outros povos que aqui chegaram em busca de melhores condições de vida. Contudo, a proposta eurocêntrica de que a soberania de uma língua estava ligada ao processo de escrita, ou *litterae*, levou por classificar tanto as línguas nativas uma língua inferior, contudo, os povos autóctones foram vistos como necessários para o processo de constituição de nacionalidade e de exploração territorial, levando a um processo de catequização e “domesticação”. Logo após, sob a venda de população africana como escravos para os portugueses, que os traficaram para o Brasil para serviço escravo nas lavouras e plantações, o

português europeu teve contato com o léxico africano de diversas origens, como o nagô-iorubá, o bantu, o jeje-nagô, entre outros.

Linda Heywood revela que:

A maioria dos centro-africanos partiu de portos nas costas de Loango e Angola, lugares que pertenciam a somente três culturas regionais: a do Congo, Umbundo e Ovimbundo. Estas culturas não somente inter-relacionavam, mas interagiam continuamente. Isso não quer dizer que todos os imigrantes vieram do Congo, Umbundo ou Ovimbundo. Mas todos eles falavam línguas muito próximas às do Banto Ocidental, o que significou que podiam se comunicar uns com os outros desde o começo. Os dados existentes mostram que entre o tempo de sua captura e o momento de seu desembarque, ou melhor, até sua chegada, a maioria dos imigrantes provenientes do interior aprendeu Congo, Quimbundo ou Umbundo, e com a aquisição da língua veio também alguma familiaridade com a cultura litorânea: influenciaram fortemente um ou outro, assim como o Quimbundo e Umbundo. O resultado foi que, ao chegar às Américas, os imigrantes compartilhavam uma linguagem comum. Os portugueses em Angola estavam tão cientes dessa dinâmica que na metade do século XVI-II chamavam de Quimbundo a língua geral do país. (HEYWOOD, 2010, p. 8)

O que muitas pessoas não sabem é que o português falado no Brasil traz inúmeras palavras de origem africana. Em razão da escravidão dos negros traficados da África para o Brasil que perdurou até o período imperial, houve uma importante contribuição do continente na formação do que podemos chamar hoje de português brasileiro. Muitas palavras existentes em nosso dicionário são usadas em comum sentido tanto aqui como em Angola, um exemplo que marca a forte ligação linguística.

A vinda dos negros africanos como escravos foi um marco histórico brasileiro, sobretudo do século XVI. Apesar das precárias condições da escravidão, os povos traficados jamais deixaram para trás a herança cultural do seu povo. Entre os principais grupos que vieram para o continente americano estavam os bantus e os sudaneses. O povo bantu foi o primeiro a fazer a viagem no tráfico transatlântico. Dos vários dialetos existentes pela África, os que tiveram maior impacto no Brasil foram o quimbundo, o quicongo e o umbundo.

Hoje, podemos observar no dicionário brasileiro uma variedade de termos que usamos em nosso dia a dia, sem termos a noção de sua origem africana, mais especificamente do grupo bantu. Entre os exemplos encontramos: abadá, caçamba, cachaça, cachimbo, caçula, candango, canga, capanga, carimbo, caxumba, cochilar, corcunda, denngo, fubá, gíbi, macaco, maconha, macumba, marimbondo, miçanga, moleque, quitanda,

quitute, tanga, xingar, banguela, babaca, bunda, cafofo, cafundó, cambada, muquirana, muvuca.

É importante termos a consciência de que a África é uma das responsáveis pelo português que temos hoje no Brasil. Um idioma rico e variado, originado de vários povos e que conquistou sua identidade única por conta da forte miscigenação linguística.

O contato da língua africana na matriz de Língua Portuguesa pode ser vista inclusive na Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D Manuel sobre o achamento do Brasil de 01 de maio de 1500, em que temos o aparecimento da palavra inhame<sup>29</sup>, de origem africana, como podemos ver em “[...] e que lhes davam de comer daquela vianda, que eles tinham, a saber, muito inhame e outras sementes, que na terra há e eles comem”.

O silêncio em relação à linguagem dos africanos pode ser explicado pelo silêncio geral que se fazia ao redor de tudo aquilo que se referia aos negros. Duas evidências desse silêncio podem ser vistas em autores de épocas distintas. Em 1741, Antônio da Costa Peixoto procura redigir sua *Obra nova de língua geral de Mina com o intuito de “ajudar” os senhores na compreensão da fala dos negros. Se compararmos com os compêndios e métodos para se aprender línguas ameríndias, vamos perceber que esse silêncio foi muito grande. O objetivo de Peixoto era dar conhecimento aos senhores sobre a língua dos negros a fim de se precaverem contra eles.* (CUNHA, 2019, p. 44)

Para Rodrigues, em sua obra *Os Africanos no Brasil em 1932*, os nagôs foram os africanos mais influentes e numerosos na Bahia, embora suas pesquisas nunca tivessem passado do âmbito da Capital do Estado, chamada por ele pelo antigo nome de Bahia, sem esclarecer que se tratava da cidade do Salvador, à época, povoada de iorubás trazidos para Salvador e região circundante do Recôncavo em numerosos contingentes, na última fase do tráfico, no século XIX, quando o Brasil passava por um processo de desenvolvimento urbano que exigia a concentração de mão de obra escravizada nas cidades. A entrada dos bantos, porém, ocorreu desde o início do tráfico, ao final do século XVI, com um fluxo contínuo e ininterrupto até o século XIX, e foram dirigidos para todos os núcleos coloniais em formação que demandavam mão de obra escravizada.

Hoje visto todo o silêncio em relação às origens lexicais do português brasileiro, em especial da influência da África na nossa língua mãe, se fez

---

<sup>29</sup> Segundo Renato Mendonça a palavra Inhame é um substantivo o masculino que é o “nome de um tubérculo comido sob a forma de farinha, planta asparagácea” (MENDONÇA, 2012 p. 147). Todavia, para Pessoa de Castro não há em seu texto “Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro” (CASTRO, 2005).

necessário a elaboração de estratégias que buscassem levar os alunos a compreender melhor acerca das palavras africanas em nossa língua.

A África nos valeu para expressar gestos e ações, além de nos ter legado os substantivos com que designamos vegetais, comidas, adornos, danças, instrumentos de música e os mais diferentes objetos que atravessaram durante tantos séculos o Atlântico. Ao longo deles, África entranhara-se na maneira de falar e escrever do brasileiro, e foi isso o que nos revelou, com segurança e apuro, um jovem estudioso mal saído da adolescência, num livro que entrou para a história da cultura brasileira. (MENDONÇA, 2012, p. 9)

Os estudos de linguística africana não têm sido cultivados no Brasil como sua importância está a pedir. Ainda para Mendonça:

O Bantu, com as suas diversas denominações tribais, para o Norte e para o Sul; o Joruba, ou Nagô, também inçado de designações várias, para o Centro. As necessidades da lavoura, e como depois as necessidades da mineração, determinaram, ou melhor, forçaram a imigração, bem assim a consequente distribuição dos negros por onde eles se faziam precisos. Nos dois primeiros séculos, Pernambuco e Bahia foram “os grandes centros de condensação africana” — disse Oliveira Viana, e repete o autor; a mineração, no século seguinte, erigiu o Rio de Janeiro em um terceiro centro, porventura mais importante do que os outros dois. Este recebeu em maior porção os representantes do grupo Bantu, principalmente, os quimbundos, que já figuravam no Norte, em Pernambuco, ao passo que na Bahia foi o loruba com os nagôs, o grupo predominante. (MENDONÇA, 2012, p. 30)

Castro (2005) argumenta que as influências africanas nos falares do Brasil incluíram outras estruturas linguísticas além do vocabulário. Além disso, apesar de haver uma hegemonia das línguas do grupo banto para a formação pluricultural brasileira, muitas línguas participaram da formação de nossa variante do português. A língua, para Castro (2005), é um fenômeno cultural e social e por isso ela busca compreender, em seus estudos, o papel que os negros africanos exerceram na configuração cultural e linguística do Brasil. Em *Falares Africanos na Bahia* (Cf. CASTRO, 2005) as lexias africanas são identificadas de acordo os domínios geopolíticos durante os quatro séculos de tráfico de africanos para o Brasil.

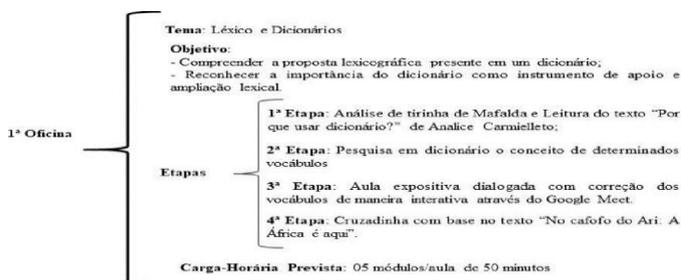
Petter e Alkmin (2008) estabeleceram que, no geral, as palavras africanas, ao longo de seu percurso histórico, entraram em contato com a língua portuguesa e as reuniram em três categorias.

A metodologia apresentada pelas estudiosas expõe uma hierarquização dos vocábulos, indo do uso mais geral para o uso mais restrito: **uso geral** (formal e informal) → **uso informal** (sem restrição) → **uso informal** (com restrição). Tal categorização reflete a avaliação realizada pelo

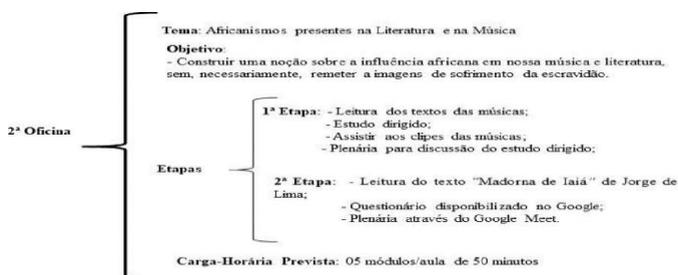
falante quanto à aceitabilidade e a adequação ou não de determinada palavra.

### 3. Metodologia

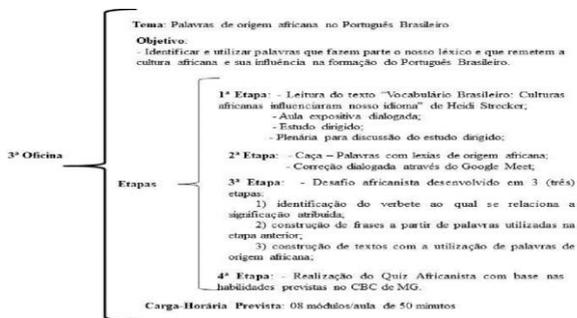
Ciente de todo esse silêncio e relação a influência do africanismo a formação lexical da língua materna, foram levantados questionamentos que trouxeram a luz que os nossos jovens não compreendem a origem africana de muitas palavras utilizadas no dialeto brasileiro. Para fomentar e desenvolver o léxico português brasileiro com a influência dos africanismos em nosso dialeto foram desenvolvidas as seguintes estratégias de intervenção pedagógica:



Fonte: Dados do autor, 2021.



Fonte: Dados do autor, 2021.



Fonte: Dados do autor.

As atividades propuseram a incorporação de diferentes áreas do conhecimento, entre elas, a música, a poesia, o estudo de textos dissertativos e narrativos, com apoio de tecnologias educacionais, em especial o *classroom*. Os estudos desenvolvidos através de prática interventiva com alunos do 9º ano do ensino fundamental levaram aos alunos a concepção de multilinguismo presente no PB e a forte participação africana na constituição lexical, sintática e semântica em nossa língua.

#### 4. Análise de dados

Os dados coletados e estudados durante a intervenção pedagógica juntamente com a pesquisa bibliográfica e documentais, demonstraram que os educandos iniciaram um processo de aprendizagem reflexiva sobre a constituição da língua portuguesa em uso no Brasil, principalmente que a sua formação histórica é fruto de um enlace de línguas e povos, entre eles, os africanos, desconstruindo a ideia formada ao longo do percurso de vida de que os negros/pretos apenas influenciaram e participaram da formação econômica e de aspectos voltados aos esportes e a culinária brasileira.

Ao final da aplicação das atividades propostas ao longo das três oficinas de intervenção, ressaltamos que, não apenas, a linguagem popular e o uso de africanias foram utilizadas, mas também exploramos o enriquecimento vocabular através da pesquisa em dicionários e sites na internet, construção de biblioteca virtual, a fim de tornar o aluno um indivíduo proficiente em sua língua e, concomitantemente, a proposta de intervenção não “foge” a proposta curricular prevista para os anos finais do ensino fundamental na rede pública estadual de Minas Gerais.

Concluída a aplicação das oficinas demonstra que esta Proposta de Intervenção Sócio-Histórica para o Desenvolvimento da Competência Comunicativa, tornou-se oportuna para uma reflexão acerca de suas contribuições ao processo de ensino e aprendizagem de língua materna.

Inicialmente, cabe-nos apontar que esta temática visa trazer para o centro do processo de ensino de língua portuguesa questões voltadas à participação dos povos africanos no léxico de nossa língua, fato muitas vezes esquecido e silenciado nas escolas.

Este silenciamento ocorrido nas escolas desmerece e oculta a história tanto de nossa formação identitária individual quanto a de nossa formação enquanto nação. Romper com esse silêncio a partir de estudos teóricos que versaram não apenas sobre aspectos linguísticos, mas também fatores históricos, levaram a produção e otimização de atividades para que descortinem o nosso olhar e de nossos alunos em relação a formação de nossa língua nacional.

Os resultados apresentados nos permitem concluir que os alunos participantes da pesquisa evidenciaram que muitos africanismos podem e são usados, atualmente, em diversos contextos comunicativos.

Nas oficinas realizadas, partimos de questões básicas como o uso do dicionário, identificaram palavras e expressões que remetem ao contexto social e cultural africano, brasileiro e de formação da língua portuguesa, levando os alunos a reconhecerem em seu próprio vocabulário o uso de expressões de origem etimológica africana, que permitem a nossa interação comunicativa, a ampliação da competência lexical e ao sentido de pertencimento e identidade africana.

Os alunos foram levados à leitura de textos de diferentes gêneros, entre eles, textos musicais, poesias, textos informativos e também de uma diversidade de estratégias que incluem o lúdico como processo importante para a aquisição e desenvolvimento da competência lexical do aluno. Para isso, utilizamos cruzadinhas, caça-palavras, *quiz*, desafios, pesquisas online, produção de textos que confirmaram a incorporação e utilização de palavras africanas pertencentes a diversos campos semânticos, como as relacionadas à alimentação, moradia, vestuário, música, fauna, flora, etc.

Portanto, as atividades apresentadas contribuíram para promover a reflexão sobre a história de nossa identidade linguística, bem como do conhecimento da história e da cultura afro-brasileira, principalmente, através do uso de lexias de origem africana, do uso da música de candom-

blé e da MPB e ainda o uso de dicionários e da literatura para desenvolver em nossos alunos a competência comunicativa lexical além da valorização e reconhecimento de nossa identidade sócio-histórica, cultura e linguística dos falantes do Português do Brasil que encontram-se influenciadas por lexis africanas.

### 5. *Considerações finais*

No desenvolvimento de nossa pesquisa, percebemos haver um certo silenciamento em relação aos africanismos, tanto nos estudos acadêmicos, na literatura e em livros didáticos, nos quais a formação de nossa língua é extirpada da nossa formação cultural, haja vista que não se é dado vez e voz aos agentes de formação do nosso léxico, principalmente, aos povos africanos. Observou-se que os alunos participantes das atividades desconheciam da origem de muitas palavras integrantes do léxico português brasileiro oriundas da influência africana, aprendendo assim com as atividades e trabalhos desenvolvidos em sala de aula a origem de diversas palavras oriundas de terras africanas e afro-brasileiras, aprendendo assim a importância da influência dos africanismos para o contexto sociocultural em que vivemos, notando assim efetividade nas estratégias realizadas.

Ainda acreditamos ser necessário o desenvolvimento e aprofundamento de pesquisas que busquem a analisar a presença de africanias lexicais em diferentes comunidades do país, principalmente, cidades interioranas, além de trazer um olhar sobre a participação da mulher escravizadas e negra que viviam em contato maior com a família senhorial e também dos falares de diferentes grupos escravizados e presentes até os dias de hoje no Brasil, especialmente, em casas-de-santo, nas tradições folclóricas, entre outros.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, I. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.
- ARAÚJO, D. C.; FRETAS, E. C. Comunicação: ler, escrever e interagir. In.: PUHL, P.R. (Org.). *Contexto e práticas de Comunicação Social*. Novo Hamburgo: Feevale, 2008.

- BAGNO, M. *Dicionário Crítico de Sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 2017.
- BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, J.L.; PETTER, M. (Orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2017.
- BORTONI-RICARDO, S. T. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CASTRO, Y. P. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2005.
- HEYWOOD, L. M. *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.
- LOPES, N. *Dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993–1995.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MENDONÇA, R. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2012.
- PETTER, M. M. T. Talvez sejam africanismos. *Estudos Lingüísticos XXIX – GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*. v. 1: 713-18, 2000.
- PETTER, M.; ALKMIN, T. *Palavras de África no Brasil de ontem e hoje*. São Paulo: Contexto, 2008.
- RAIMUNDO, J. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.
- WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.